

PRIVATIZAÇÃO: UMA AMEAÇA À RELAÇÃO MEDIADORA DO ESPAÇO EDUCACIONAL?

Alexsandro Cardoso dos Santos¹
Patricia Cristina Faria Bonani²

RESUMO

Este artigo tem como proposta dissertar sobre a relação entre o movimento de privatização do ensino público brasileiro, a implementação do progresso tecnológico e as suas consequências nas relações de ensino-aprendizagem nos processos atuais de acumulação do capital, atreladas cada vez mais a tecnologia e empreendedorismo. Partindo disso e utilizando de levantamento bibliográfico e análise documental, o objetivo do artigo é entender qual é o impacto deste progresso nas relações escolares, partindo do estudo deste novo estudante que está sendo formado pelo ensino híbrido, visando entender as mudanças na relação entre trabalho e educação. Utilizamos os autores Paulo Freire, Vygotsky e Walter Benjamin como arcabouço teórico da pesquisa.

Palavras-chave: Progresso, Educação, Tecnologia, Mediação, Aprendizado.

INTRODUÇÃO

“Uma forma completamente nova de miséria recaiu sobre os homens com esse monstruoso desenvolvimento da técnica [...] ficamos pobres. Abandonamos, uma a uma, todas as peças do patrimônio humano, tivemos que empenhá-las muitas vezes a um centésimo do seu valor para recebermos em troca a moeda miúda do ‘atual’”

Walter Benjamin, 1933.

Atualmente, no ambiente escolar, o ideário de uma boa educação está aliado a um progresso tecnológico³, não só na educação, mas em todas as esferas da vida, pois, caso

¹Graduado em Pedagogia pelo Centro Universitário da Fundação Hermínio Ometto - FHO; Professor de educação básica na rede pública municipal de Santana de Parnaíba - SP alexsandro.card2018@gmail.com.

² Pós-graduanda no curso de Mestrado em Educação na linha de Trabalho e Educação, participante do Grupo de Estudos e Pesquisas Educação e Crítica Social - GEPECS, ambos na Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP; Professora de educação básica na rede pública municipal de Barueri - SP patriciacfbonani@gmail.com.

³ Para exemplificar: “Educar bem é apenas fazer contas rapidamente e tirar notas altas? Ou é saber programar sistemas e se preparar para um mercado de trabalho que sequer existe ainda? Ou é alcançar conhecimentos sem fronteiras? Todas essas habilidades podem ser melhoradas com o uso da tecnologia e, especialmente na quarentena, há muitos alunos ocupando grande parte do tempo com vídeos, lives, roteiros de estudo e

renunciarmos tal processo, corre-se o risco de ser excluído da denominada vida social (virtual) ou reconhecido como ultrapassado. Para compreender tal fato, basta perguntar a qualquer pessoa se ela tem ou não um cadastro em alguma rede social e constataremos o espanto caso a resposta for negativa, em contraponto, com tal progresso, nos distanciamos da subjetividade das relações sociais e como afirma Walter Benjamin (2012, p.213), a arte de narrar torna-se cada vez mais distante, estando em vias de extinção.

Neste período pandêmico, ter acesso a internet tornou-se essencial para garantir o acesso às aulas e atividades educacionais e conseqüentemente adentrar a vida social pré estabelecida por quem detém o poder do capital nas mãos. Municípios e estados reafirmam parcerias com grandes conglomerados para este fim⁴, desta forma:

A pandemia e o confinamento aceleraram um processo que já estava em curso de introdução mais intensiva de tecnologia na relação educativa [...] A Fundação Lemann, por exemplo, tem sido contratada por vários municípios para trabalhar dentro de secretarias de educação, por meio das quais estabelece contratos com a Google for Education, que ocupa as escolas e pinta as salas de aula com suas cores e logos. [...] Funcionários de tais empresas, sem formação em pedagogia ou licenciatura, ficam responsáveis por atividades educativas bastante simplificadas, enquanto professoras executam outras tarefas, por até 10 das 25 horas semanais. Algumas empresas oferecem seqüências de atividades que preenchem a hora-aula com um vídeo gravado por um ator infantil, seguido de exercícios de compreensão da aula, um jogo de videogame e, finalmente, os testes para finalizar a hora com avaliação (CATINI, 2020).

Diante disto, faz-se necessário entender como funciona as engrenagens deste mecanismo que move o sistema que estamos inseridos, assim como, buscar compreender as conseqüências que este movimento proporciona na educação, pois, “sem sombra de dúvida, a vontade do capitalista consiste em encher os bolsos, o mais que possa. E o que temos a fazer não é divagar acerca da sua vontade, mas investigar o seu poder, os limites desse poder e o caráter desses limites” (MARX, 1865).

A ideia de modernizar a escola e de inseri-la no mundo tecnológico afirma uma ligação direta entre o setor privado e os órgãos públicos transformando o espaço escolar em uma produção capitalista de disciplina e controle que conduz para adaptação de novos hábitos

afins.”<<https://www.uol.com.br/tilt/reportagens-especiais/como-a-tecnologia-esta-moldando-o-futuro-da-educacao/#page3>> Acessado em 05 de julho de 2021.

⁴ Como exemplo temos a Rede Municipal de Barueri, onde sua secretária de educação contou, “No fim de 2018 foi assinada a parceria com o Google for Education para a modernização da rede de ensino. Com a compra de Chromebooks, em 2019 iniciou o processo de formação de professores, além de já chegar nas escolas com suporte administrativo e também na sala de aula. No primeiro ano, foram realizados hackathons e avaliações digitais com os alunos da rede pública”. E durante o atual período de pandemia, implementou o programa Aluno Conectado, que amplia tal parceria. <<https://jimprensaregional.com.br/em-evento-mundial-barueri-apresenta-case-de-sucesso-em-educacao-tecnologica/>> Acessado em 05 de julho de 2021.

de mercado, onde os filhos da classe trabalhadora frequentam tal espaço sem nenhuma notoriedade, reduzindo as possibilidades de um pensamento reflexivo, visando apenas a reprodução e passividade nos moldes de uma sociedade produtiva, encaixando-se perfeitamente nas engrenagens do grande mecanismo capital do trabalho. Em consonância ao pensamento de Enguita (1989, p.112), “educá-los, mas não demasiadamente. O bastante para que aprendessem a respeitar a ordem social, mas não tanto que pudessem questioná-la”.

Pesquisar este tema torna-se relevante, pois tais ações promovem uma educação da passividade, reafirmada com os temas de empreendedorismo e o controle das emoções, em evidência nas aulas transmitidas em plataformas disponibilizadas pelas grandes empresas. Sendo assim, “o apassivamento da luta de classes, em alguma medida, deu-se pela decadência de formas de luta autônomas e não moldadas pelo reformismo, pela falta de experiência concreta de enfrentamento, que materialmente dilui a potência de um conhecimento proveniente da prática cotidiana de organização e contestação” (CATINI, 2017, p.44).

Questionar os modelos educacionais frutos da simbiose entre o privado e público, é inevitável para educadores, pois tais práticas nutrem a desumanização e a configuração de um tempo que transforma homens em máquinas manipuladas, tendo como meta o aumento do seu próprio capital. Bem como, a distância abissal que percebemos na prática pedagógica entre estudantes com poder aquisitivo e detentor de ferramentas tecnológicas e outros sem nenhum acesso ao ensino híbrido. Pensar e discutir que o espaço escolar deveria ser um ambiente favorável ao desenvolvimento educacional, ao debate de assuntos diversificados com o intuito também de estimular os alunos a pensarem, a realizarem reflexões com senso crítico, não apenas criticar, mas de analisar fatos e contextos históricos, deve ser uma parte intrínseca do fazer pedagógico e não “um instrumento de escolha para tornar o *status quo* aceito e prolongá-lo; ou que com a desculpa de melhorar ou promover a ‘integração social’, a ação pedagógica contribui para cavar e legalizar ‘um abismo profundo entre as classes’” (FREIRE, 2016, p.127), pois, uma educação libertadora não pode servir aos interesses dos capitalistas.

Sendo assim, o objetivo principal deste artigo é entender qual o impacto do movimento de privatização na prática de sala de aula e suas consequências nas relações de ensino-aprendizagem e o estudo acerca da implementação do progresso tecnológico e as suas influências na mediação pedagógica nos processos atuais de acumulação do capital.

METODOLOGIA

O presente artigo consistiu em três movimentos que possibilitaram o processo de reflexão e síntese: levantamento bibliográfico sobre privatização e as novas tendências do uso de tecnologias no ambiente escolar, assim como Trabalho e Educação; um estudo sistemático na crítica ao progresso desenvolvida por Walter Benjamin e a seleção e análise dos documentos levantados, onde a função do processo foi de analisar os impactos destes na relação mediadora de ensino-aprendizagem e amparar o estudo teórico. Enquanto o primeiro e segundo movimento nos facilitou em criar critérios para a seleção dos objetos de estudo e de sustentação ao desenvolvimento da pesquisa; o terceiro entendeu-se enquanto momento de ampliar o alcance da busca por conexões para a análise das transformações atuais.

Utilizaremos também a análise documental, baseada no tratamento das fontes primárias e secundárias. As fontes primárias se constituem, inicialmente, em uma revisão bibliográfica dos temas em questão - revisão essa que se faz necessária para um melhor arcabouço teórico e enquadramento das questões que iremos levantar ao longo da pesquisa, além de outras que possam surgir: revisão bibliográfica de textos clássicos sobre o tema trabalho e educação; notícias que tangenciam o objeto aqui explorado. A pesquisa foi norteada pelos teóricos que discutem o fazer pedagógico e o debate em torno do papel da escola no modo de produção da periferia do capitalismo e sua função social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

É observado que a educação superou seu estado de serviço social e político, tornando-se um bem de serviço, mercadoria, perdendo parte do seu caráter transformador, onde a formação de professores torna-se produto de compra e venda que alimenta esse mercado, o que está em voga não é seu teor qualitativo, mas quantitativo. Tal situação não oferece somente lucro no setor econômico, mas sustenta todo um sistema, é através destas formações que é passado o ideário empresarial que atuará na educação pública, reproduzindo o capital como forma social, que impulsiona as engrenagens do sistema capitalista.

A mutação do poder estatal público para o poder estatal privado é retratada na condução da grande massa trabalhadora como um rebanho que caminha para o matadouro, utilizando a crença do direito, fortalece o Estado gerencialista com grandes empresas

privadas, movimentos criados por grandes conglomerados empresariais criam a ideia falsa de beneficiamento geral quando na verdade os favorecidos na pirâmide Capital são aqueles que ocupam a sua ponta, confirmando a posição de dominante, onde:

[...] o Estado reconhece a necessidade de gratuidade pela imensa massa da população trabalhadora, sem, no entanto, cercear a possibilidade de que a educação seja uma mercadoria lucrativa, na venda do serviço de ensino. Mais do que isso, o Estado deixa de criar redes próprias para incentivar o crescimento de redes lucrativas de ensino, sejam elas megaempresas, sejam Organizações Sociais ou Organizações Não-Governamentais que terceirizam os serviços por meio de convênios e outras formas de “parcerias” e prestam serviço, mediante repasse de recurso estatais (CATINI, 2017 p.15).

Entender o processo histórico da condução passiva dentro do panorama atual que escraviza a força de trabalho das grandes maiorias periféricas é um dos pontos chave para obter o entendimento deste sistema vicioso nos novos moldes de dominação e apropriação do outro, “mesmo quando as relações humanas se façam, em certo aspecto, macias, de senhor para escravos, no grande domínio, não há diálogo. Há paternalismo” (FREIRE, 2001 p. 64).

Outra realidade a ser observada está na discussão acerca do ensino-aprendizagem e na importância da mediação e socialização e que tal progresso tecnológico, usurpa a figura do mediador, fundamental para o processo educacional, onde, a partir da teoria de Vygotsky (1988), entendemos a relação homem/mundo como uma relação mediada, onde a questão do desenvolvimento ocorre do plano social ao individual, a partir da mediação do outro e o partilhamento de processos intersíquicos, ocorre a internalização e este processo torna-se então intrapsíquico, sendo assim a importância social e cultural é fundamental.

[...] os seres humanos são capazes de emoções mais sofisticadas em relação aos animais justamente porque dispõe de um equipamento específico da espécie que define um modo de funcionamento psicológico essencialmente mediado. Com o papel primordial da linguagem e a importância da interação social para o desenvolvimento pleno dos indivíduos, os seres humanos operam com base em conceitos culturalmente construídos que constituem, representam e expressam não só seus pensamentos, mas também suas emoções. [...] a emoção nos humanos se organizam como fenômeno histórico e cultural (KOHL; REGO, 2003, p.25).

É indispensável a subjetividade no processo pedagógico, onde a divisão entre as dimensões cognitiva e afetiva do funcionamento psicológico são indissociáveis, assim, uma compreensão completa do pensamento humano só é possível quando compreende-se sua base afetiva. Vygotsky considera que a qualidade das emoções sofre transformações conforme os processos cognitivos da criança desenvolvem-se, ou seja, a escolha dos instrumentos mediadores têm papel fundamental nesse processo, como também o papel e as práticas do educador.

Fazendo um paralelo histórico, com o aumento das parcerias e da educação como

fundo de investimento, nos deparamos com a “Nova corrida da serra pelada”, onde, não havendo mais campo de expansão na educação superior, o setor privado deslumbra-se com o vasto campo de investimento da educação básica, juntamente com a formação de professores e a ampliação de serviços ditos tecnológicos dentro das escolas públicas e atendimento em larga escala na educação remota, “contudo, as reivindicações de um pretense “avanço” (que não levam a nenhum lugar realmente diferente) são dissimuladamente reafirmadas” (MÉSZÁROS, 2005 p.64). Portanto, observamos um movimento na atual conjuntura educacional, na qual substitui o papel do professor enquanto mediador por plataformas virtuais educacionais, e com isto, a subsunção das relações sociais e extinção dos debates em sala de aula, tão necessários para a formação de um pensamento crítico reflexivo e da própria aprendizagem, relação esta que não basta somente no ambiente virtual. E este movimento não deu-se somente pelo período pandêmico, pois, “não tememos apontar a nossa ‘inexperiência democrática’, responsável por tantas manifestações de nosso comportamento, como a matriz dessa educação desvinculada da vida, autoritariamente verbal e falsamente humanista, em que nos desnutrimos” (FREIRE, 2001, p.12).

A simbiose entre o setor público e privado avança a passos largos com a privatização dos serviços sociais, atualmente podemos indicar a fundação Lemann que através de parcerias com estados e municípios, executa diversos serviços nas escolas públicas como formação de professores e gestores, melhorias da estrutura de unidades escolares e na aplicação de atividades didáticas tecnológicas contando com a parceria da Google, na implantação de novas plataformas virtuais educacionais, como por exemplo, *Google For Education*.

Sendo assim, tais iniciativas do âmbito privado iniciam uma corrida de braços e abraços desenfreada na exploração desta mina valorosa, porém ainda mais devastadora que foi esta outrora, guardando as suas particularidades dentro desta analogia. Para muitos esta ideia pode ser questionada assim como, foi a exploração do ouro na região norte do país citada, porque demandou um ilusório progresso na região, porém a devastação deixou marcas e cicatrizes profundas na flora e fauna e na sociedade fruto deste mercado. Se atentarmos para esta nova exploração de mercado não podemos deixar de pensar que as relações humanas serão severamente afetadas diante da formação básica onde não há esta premissa e que a falta de consciência crítica reflexiva, persistirá em poucos alunos do setor público adentrando a universidade pública para pensar em ideias realistas na produção científica em favor da comunidade que o circunda.

Percebemos, a necessidade de práticas pedagógicas que “reconheçam a dependência como um ponto fraco, buscando transformá-la em independência pela reflexão e pela ação.

[...] a libertação dos oprimidos é uma libertação de homens, e não de coisas” (FREIRE, 2016, p.138), diferencialmente do que geralmente encontramos nesta forma de gerir o modelo híbrido, que afirma “uma suposta democracia feita através da educação, [...] que ocultam o fato real de que o exercício desta educação consagra a desigualdade que deveria destruir” (BRANDÃO, 2002, p.97), ao invés de um enfoque de classificação, qualificação e propulsão de uma sociedade meritocrática, buscar uma perspectiva crítica e criadora, promovendo em seus estudantes, criticidade diante os fatos históricos e saber ponderar e discernir também os acontecimentos atuais.

Portanto, a escola deveria ser justa por cada um poder obter êxito em função de seu trabalho e qualidades, mas, em uma sociedade onde escola são diferenciadas de acordo com bairros e classes sociais, onde, percebemos a verdadeira função social da escola no que a ordem do dia no sistema capitalista impõe como tendência para o ensino e a profissão docente, sendo aprofundado a desigualdade com a pandemia, a escola escolhe enfatizar uma educação integral que promova as competências necessárias para o que denominam desafios do século XXI no mundo do trabalho. Mas, o que seria essa educação para o mundo do trabalho no século XXI, onde trabalho hoje baseia-se em contratos temporários e desqualificação? Torna-se fundamental aprofundar a análise de qual é a função da forma escolar neste sistema e qual a ideologia presente neste discurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Paulo Freire (2016, p.140), afirma que “a luta começa quando os homens reconhecem que foram destruídos. A propaganda, a gestão, a manipulação - que são armas da dominação - não podem ser os instrumentos de sua reumanização”. Tal fragmento desperta o resumo da nossa inquietação, pois, sabemos que o modelo meritocrático em voga não satisfaz a questão de uma defasagem social e de aprendizagem por produzir em suma maior competição entre sujeitos da própria classe social. E de que adianta aumentar o acesso à escola, quando este só significa o aumento da competição? Ou seja, este modelo de escola meritocrática legitima as desigualdades sociais. Para crianças e jovens das periferias sobraram muitas escolas com o ensino sucateado e agora obtém financiamento de grandes conglomerados empresariais, a escola justa será a que inflaciona as almas dos alunados na bolsa de valores diariamente num grande leilão?

É necessário o resgate do conceito de “emancipação social” onde a autonomia e coletividade estão em sua base, pois o único instrumento válido é uma pedagogia de fato libertadora e que só conseguiremos discutir essa “questão social” exercendo a coletividade e atentos ao perigo iminente de controle que avançam massivamente no campo educacional, e neste ponto tal reflexão possui grande relevância.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer aos nossos pais pelo processo contínuo de desenvolvimento como educadores e aprendizes, aos nossos alunos que nos desafiam todos os dias a reinventar a prática pedagógica para que eles aprendam a ler o mundo e não só as palavras e agradecemos um ao outro por proporcionar debates, ideias e conhecimento sobre a leitura de teóricos tão importantes como Marx, Benjamin e Paulo Freire em nosso cotidiano. Eu, Alessandro, por fim, gostaria de agradecer a minha filha Giovanna por ser minha inspiração para toda a vida.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: obras escolhidas**. Brasiliense, 2017.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. Brasiliense, 2002.

CATINI, Carolina de Roig. **Privatização da Educação e Gestão da Barbárie**. São Paulo: Edições Lado Esquerdo, 2017.

_____. O trabalho de educar numa sociedade sem futuro. **Blog da Boitempo**, 2020. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2020/06/05/o-trabalho-de-educar-numa-sociedade-sem-futuro/>>. Acesso em: 05 de julho de 2021.

ENGUIITA, Mariano Fernández. **A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo**. Artes Médicas, 1989.

FREIRE, Paulo. **Educação e atualidade brasileira**. Editora Cortez, 2001.

_____. **Conscientização**. Cortez Editora, 2016.

KOHL, Marta de O.; REGO, Teresa Cristina. Vygotsky e as complexas relações entre cognição e afeto. In: ARANTES, Valéria Amorim. **Afetividade na escola: alternativas teorias e práticas**. São Paulo: Summus, 2003.

MARX, Karl. **Salário, preço e lucro**. 1985.



MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. Boitempo editorial, 2005.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone: EDUSP, 1988.